



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

AMANDA NOGUEIRA DUTRA

**MORRO AGUDO OU COMENDADOR SOARES? O CONFLITO DE
MEMÓRIA EM RELAÇÃO AO NOME DE UM BAIRRO DE NOVA IGUAÇU.**

Nova Iguaçu

2014



AMANDA NOGUEIRA DUTRA

**MORRO AGUDO OU COMENDADOR SOARES? O CONFLITO DE
MEMÓRIA EM RELAÇÃO AO NOME DE UM BAIRRO DE NOVA IGUAÇU.**

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em História da
Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro, Instituto Multidisciplinar, como
requisito de obtenção do grau de
Licenciado em História.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Lúcia Silva

Co-orientador: Prof^º Antônio Lacerda

Nova Iguaçu

2014

AMANDA NOGUEIRA DUTRA

**MORRO AGUDO OU COMENDADOR SOARES? O CONFLITO DE
MEMÓRIA EM RELAÇÃO AO NOME DE UM BAIRRO DE NOVA IGUAÇU.**

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em História da
Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro, Instituto Multidisciplinar, como
requisito de obtenção do grau de
licenciado em História.

Nova Iguaçu, 21 de fevereiro de 2014

Banca Examinadora:

Prof. Dra Lúcia Silva (Orientador)

Prof Dra Cássia Oliveira

Prof. Dr. Jean Sales



AGRADECIMENTOS

A faculdade trouxe diversas mudanças na minha vida. Além da ampliação dos meus conhecimentos, ao longo desses anos, aprendi e amadureci bastante. De um modo geral, o nosso processo de crescimento pessoal não ocorre de maneira solitária e está diretamente ligado ao relacionamento com o outro, em conviver e aprender com as pessoas. Assim, quero agradecer as pessoas que fizeram parte desta jornada e que me ajudaram a crescer a cada dia.

Inicialmente quero agradecer a Deus que fortaleceu minha fé em momentos complicados.

Agradeço a minha família que teve e tem papel essencial na minha. Ao meu pai Sebastião que me ensinou que a vida é para ser vivida com leveza e que não é preciso muito para ser feliz. A minha mãe que é um referencial de força e dedicação à família. E a minha irmã referencial de ética e determinação. A eles a minha admiração, carinho e amor. Aprendo todos os dias com cada um e agradeço a Deus por essa família.

Ao Aldean Soares de Almeida que divide a vida comigo me dando amor, companheirismo e tranquilidade e me ajudando em todos os momentos. A você meu muito obrigado.

Agradeço a minha orientadora Lúcia Silva, pelas sugestões, leituras e conversas que muito auxiliaram na minha pesquisa. Por ter tido paciência diante das minhas inseguranças e se mostrado sempre solícita ao que eu precisasse.

Agradeço também ao meu co-orientador Antônio Lacerda que me auxiliou na pesquisa no Arquivo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu e me encorajou a pesquisar sobre a Baixada Fluminense.

Meu agradecimento a minha amiga Nayara Reis que sempre esteve ao meu lado durante a universidade. E ao meu amigo Michel Santos me incentivou a persistir e alcançar meus objetivos.

Agradeço também as amigas que tive proximidade já no final do curso Larissa, Laís, Samanta, Getsemane e Carol.

Também quero agradecer a todos os entrevistados que disponibilizaram seu tempo para colaborarem com essa monografia.

A todos muito obrigado.



RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o conflito de memória em torno do nome de um bairro de Nova Iguaçu que possui duas denominações, Morro Agudo e Comendador Soares, e mais especificamente, analisar a relação da população local com esta memória nos dias de hoje.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: Comendador Soares e sua fazenda Morro Agudo	7
CAPÍTULO II: De Morro Agudo a Comendador Soares: A formação de um bairro de Nova Iguaçu	13
2.1-A Estação	13
2.2 A formação do bairro	16
CAPÍTULO III: Morro Agudo ou Comendador Soares? O conflito de memória em torno do nome de um bairro de Nova Iguaçu	22
CONCLUSÃO	33
BIBLIOGRAFIA	35
ANEXOS	37



LISTAS DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS

Quadro 1 - Empreendimentos de Francisco José Soares	7
Figura 1 – Morro Agudo	14
Figura 2 – Mapa do ramal da Linha Japeri	14
Figura 3 – Pedra Fundamental do marco comemorativo do centenário da cidade	15
Figura 4 – Estação de Comendador Soares	16
Figura 5 – Mapa com a localização dos centros comerciais	18
Quadro 2 - Delimitações da URG de Comendador Soares	20
Quadro 3 - Dados da URG de Comendador Soares	21
Figura 6 – Mapa da URG de Comendador Soares.	22
Figura 7 – Mapa com endereços dos entrevistados	24
Quadro 4 - Referências ao nome do bairro	26
Figura 8 – Mapa do bairro	30



Introdução

Um dos distritos de Nova Iguaçu, oficialmente chamado de Comendador Soares, tem como marco de sua constituição a data de 1897, ano da construção da estação da via férrea Central do Brasil. A referida estação inicialmente foi chamada de Japeaçaba, depois Morro Agudo e atualmente de Comendador Soares. Os diferentes nomes desta estação estão atrelados aos nomes das antigas fazendas localizadas na região, que hoje compreende a região do distrito. Japeaçaba fazia referência a enorme fazenda do Conde de Iguaçu, a qual esta região pertencia, mas com a morte do Conde, em 1881, a fazenda foi dividida. Após a divisão destas terras, a região que hoje compreende a URG (atual unidade regional de governo, antigo distrito), passou a pertencer ao Comendador Francisco José Soares e ser denominada fazenda Morro Agudo, e com isso o nome da estação teve seu nome alterado para Morro Agudo e depois Comendador Soares.

A mudança no nome da estação também se estendeu ao bairro que fica dentro do distrito do mesmo nome, o que acabou gerando uma controvérsia em relação ao nome do mesmo. Apesar de Japeaçaba ter sido o primeiro nome logo caiu em desuso, desta maneira a grande questão é referente aos nomes Morro Agudo ou Comendador Soares, atualmente há quem diga que o bairro se chama Morro Agudo e quem diga que se chama Comendador Soares. Desta forma pretendo desenvolver minha pesquisa no conflito em torno dessa memória, identificando os interesses envolvidos nessa construção pela ótica da população.

O município de Nova Iguaçu possui um bairro que tem dois nomes, e isto remete a dois conjuntos de referências e significados. Através da história do bairro, da origem dos nomes e de depoimento oral da população que vive no bairro, pretendemos compreender as representações que foram construídas em relação ao nome do bairro, através das narrativas, dos processos de rememoração e os elementos de construção de identidade que estão articulados aos dois nomes.

A memória, segundo Henry Rousso (2006), é uma reconstrução psíquica em que se reconhecem as representações seletivas do passado. O passado que o indivíduo rememora nunca é apenas dele e está sempre relacionado a um contexto social. Assim, a lembrança possibilita a recriação de um passado comum, pois toda memória individual possui um caráter coletivo apesar de não existir uma memória única para todos os indivíduos. De acordo com Alessandro Portelli (2006), a memória é social, mas só se

revela nos discursos individuais. E a memória só se torna coletiva quando separada da individual, assim, podemos ver os aspectos estruturantes como linguagens, cultura e senso comum. Além disso, as memórias são múltiplas e para se extrair a memória coletiva devemos procurar tanto entre as memórias como no interior delas. Dessa maneira, através da memória e das mentalidades coletivas podemos compreender os elementos de construção identidade.

Para Henry Rousso (2006), memória é a presença do passado no presente. Assim, segundo Michael Frisch (2006), ao mesmo tempo em que a memória subverte a história ortodoxa com novos pontos de vista e novas abordagens, a história subverte a memória coletiva, como no caso dos estudos sobre negros e mulheres que transformaram sua autoimagem cultural. Dessa forma, a história e a memória se entrelaçam e mantêm uma conexão entre passado, presente e futuro. A partir desta inter-relação utilizaremos em nossa pesquisa a perspectiva temporal da história do tempo presente onde podemos relacionar por intermédio da memória a lembrança do passado, os elementos de compreensão do presente e preservar uma memória no futuro.

Em relação à História do tempo presente, Motta (2012) define da seguinte forma:

“A história do tempo presente, perspectiva temporal por excelência da história oral, é legitimada como objeto da pesquisa e da reflexão históricas; na história oral, o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes.” (Motta in CARDOSO e VAIFAS, 2012, p.35)

Com a perspectiva de história do tempo presente recorremos ao recurso metodológico da história oral devido à escassez de outras fontes, e também porque se adequada às propostas da pesquisa, possibilita a coleta de múltiplas narrativas, referente ao objeto para a análise das representações sobre o conflito em torno da memória em relação ao nome do bairro. A metodologia da História Oral, segundo Marieta Ferreira e Janaína Amado (2006), apenas ordena o procedimento de pesquisa, pois é responsável apenas pela problematização, as explicações teóricas devem ser encontradas na teoria da história ou em outras disciplinas.

Como buscamos fazer uma análise da “história vinda de baixo”, permite analisar os eventos a partir da perspectiva de indivíduos que por diversas vezes ficam a margem da história feita com fontes escritas. Isso não significa que a criação de uma identidade é elaborada a partir da construção historiográfica, mas possibilita aos historiadores levarem ao espaço público novas versões da história. Em contrapartida não se pretende

somente reproduzir o discurso dos excluídos o que, segundo Phillippe Joutard (2006), pode “desprofissionalizar” o trabalho do historiador.

A utilização da fonte oral é contestada por diversos acadêmicos em relação a sua credibilidade. Para muitos historiadores a fonte oral não é objetiva, pois utiliza arquivos provocados e constituídos depois do acontecimento. Porém, a subjetividade pode ser encontrada em todas as fontes sendo elas orais ou escritas. De acordo com Jean- Paul Thuillier “mais importante do que distinguir dois tipos de fontes é o historiador manter-se distanciado destes depoimentos” (Becker in Ferreira e Amado, 2006, p.55). Dessa forma, cabe ao historiador analisar todo tipo de fonte criticamente, pois de acordo Alessandro Portelli (2006), toda memória é mediada por representações e devemos buscar seus significados.

A fonte oral também é contestada em relação a seu caráter individual. Para muitos acadêmicos analisar a experiência individual pode tornar a pesquisa limitada. Entretanto, segundo José Eduardo Aceves Lozano, o método de pesquisa com a fonte oral amplia, em um nível social, a produção de conhecimento histórico. Assim, o método da história oral busca oferecer uma análise interpretativa e qualitativa do objeto. Apesar das dificuldades no manejo científico Lozano(2006), afirma que:

“A História oral compartilha com o método histórico tradicional as diversas fases e etapas do exame histórico. De início, apresenta uma problemática, inserido-a em um projeto de pesquisa. Depois, desenvolve os procedimentos heurísticos apropriados a constituição das fontes orais que se propôs a produzir. Na hora de realizar essa tarefa, procede, com o maior rigor possível, ao controle e as críticas interna e externa da fonte constituída, assim como das fontes complementares e documentais. Finalmente, passa à análise e a interpretação das evidências e ao exame detalhado das fontes recompiladas ou acessíveis” (Lozano in FERREIRA e AMADO, 2006, p.42)

Em nossa pesquisa utilizaremos como fonte principal as fontes orais, porém é importante um conhecimento anterior sobre objeto analisado. Assim utilizaremos fontes múltiplas o que, conforme nos informa Gwyn Pris (1992), enriquecer a produção historiográfica.

Mesmo sabendo que todas as fontes são suscetíveis à crítica, no método oral, como nos informa Danièle Voldman (2006), para diminuir as reservas quanto a credibilidade das fontes esta devem ser confiada a instituições públicas habilitadas e devem ser definidas pelo historiador as suas características e de que forma serão utilizadas. O que não é caso aqui, mas ao manter o compromisso com a abordagem científica e um trabalho crítico o historiador deve reconhecer sua própria subjetividade

que é comum a todo procedimento histórico, mas que deve ficar claro no procedimento das entrevistas. Por isso, estamos informando porque e como serão utilizadas as mesmas para transformá-las em fontes orais.

De acordo com Alistair Thomson (2006), por muitas vezes o entrevistador e entrevistado possuem objetivos diversos. Assim, o procedimento de coleta e transcrição das entrevistas deve ser seguido por procedimentos éticos, e para minimizar os efeitos que possam ser prejudiciais ao entrevistado se faz necessário informá-los dos objetivos da entrevista, seus encaminhamentos, o funcionamento da metodologia e os procedimentos de transcrição.

Segundo Etienne François (2006), com a utilização da fonte oral o historiador é incentivado a pensar o papel da história, pois as entrevistas trazem novas maneiras de se relacionar com os indivíduos cuja história está sendo escrita. Dessa forma, relativiza a postura que separa o sujeito do objeto. Assim, Marieta Ferreira e Janaína Amado (2006) afirmam que a história oral tem colaborado com uma produção historiográfica porque:

“Poucas áreas, atualmente, têm esclarecido melhor que a história oral o quanto a pesquisa empírica de campo e reflexão teórico-metodológica estão indissociavelmente interligadas, e demonstrado de maneira mais convincente que o objeto histórico é sempre resultado de uma elaboração: em resumo, que a história é sempre construção.” (FERREIRA e AMADO, 2006, p.10)

Considerando todas as questões levantadas acima organizamos um questionário que foi aplicado aos moradores do bairro com o intuito de trazer a tona o conjunto de significados que estão atrelados aos dois nomes¹. Outra questão que norteou nosso trabalho foi a biografia, na medida em que buscamos traçar um perfil da trajetória de vida de Francisco José Soares, o Comendador Soares, que foi homenageado com o nome do bairro de Nova Iguaçu.

Segundo Giovanni Levi (2006), a narrativa biográfica possibilita a análise da vida de um indivíduo com a finalidade de compreender sua autonomia em um sistema “culturalmente e socialmente determinado” (Levi in Ferreira e Amado, 2006. p.155). A biografia possibilita a compreensão de como o indivíduo molda sua trajetória e como interage dentro de um contexto social.

A trajetória do indivíduo é recuperada pelo biógrafo, porém a essência do indivíduo não pode ser compreendida e permanece inatingível. François Dosse retoma o

¹ Sobre as entrevista e os entrevistados, voltaremos a eles no terceiro capítulo.

conceito de “si” de Paul Ricouer, em que o percurso de vida do biografado é recuperado a partir do ponto de vista do biógrafo. Assim, quando o escritor narra a vida do biografado, procura sua personagem social, ou seja, como esse indivíduo moldou sua identidade em um contexto social, sendo sua compreensão total ilusória.

Através das biografias há uma maior possibilidade de analisar mais concretamente como funciona os sistemas normativos. Segundo Giovanni Levi (2006), os sistemas normativos possuem contradições que dão abertura para a liberdade de escolha dos indivíduos, e o estudo das biografias permite a descrição do seu funcionamento.

Segundo François Dosse, a biografia está bem próxima do fazer histórico por ter o compromisso com a verdade, mas tendo em vista que ela não será alcançada, assim como na história, a biografia abandona uma abordagem linear e ordenada e “abre caminho para hipóteses não reducionistas” (Dosse, 2009.p.122). Reconhecer as múltiplas identidades não apenas em sua verdade factual, mas os sentidos que a sua figura carrega até os dias atuais.

Dessa forma, a partir do que foi exposto acima, em nossa pesquisa buscaremos essa pluralidade de sentidos sobre a trajetória de Francisco José Soares, o Comendador Soares, o nome que dá origem ao bairro. Além disto, o presente trabalho buscou a análise de documentos impressos, bem como a utilização de bibliografia referente à Baixada Fluminense. Utilizamos também o jornal Correio da Lavoura para a construção desta monografia. Essas fontes foram recolhidas em instituições de pesquisa histórica da região como o Arquivo da Diocese de Nova Iguaçu e Casa de Cultura de Nova Iguaçu.

Apesar de nos últimos anos haver um crescente interesse em relação à história da Baixada, e ainda o surgimento de vários centros de memória, ainda é tarefa difícil pesquisar a região devido a carência de fontes. Portanto, através das fontes consultadas podemos remontar um breve histórico sobre Comendador Soares e sua fazenda, mas devido ao problema relacionado às fontes citadas acima há ainda grandes lacunas referente a história deste senhor e de suas terras.

Assim, procuramos organizar o presente trabalho apresentando um pouco da biografia de Francisco José Soares, o Comendador Soares, e da história de sua fazenda chamada Morro Agudo no primeiro capítulo. A apresentação da biografia e da fazenda mostra-se importante para compreendermos as denominações que o bairro estudado recebeu. Tentaremos demonstrar a importância do Comendador e de sua fazenda para a

política e a economia da antiga Iguassú, atual Nova Iguaçu. E desta forma, na sequência do trabalho, entender a relação da população com as denominações da estação - Morro Agudo, Comendador Soares – que se estendeu ao nome do bairro gerando polêmica.

No segundo capítulo nos dedicamos a construção de um breve histórico da formação do bairro. Inicialmente analisaremos a importância da estação para o desenvolvimento da região, além de demonstrar as mudanças nominativas da mesma, em seguida nos dedicamos a análise do processo de ocupação de Morro Agudo (Comendador Soares) para compreendermos de que forma os moradores se instalaram na região e construíram uma identidade com o local.

Neste capítulo utilizaremos como fonte site especializado em estações ferroviárias, bibliografia referente à rede ferroviária e a região da Baixada Fluminense. Utilizaremos também o jornal Correio da lavoura, O Dia e A Época. Além disso, consultamos o Atlas escolar da cidade de Nova Iguaçu encontrado na Casa de Cultura de Nova Iguaçu e o plano direto de 1979 obtido na biblioteca do IBGE.

O terceiro e último capítulo que se constitui o objeto central do trabalho analisaremos os depoimentos dos moradores do bairro para entendermos a relação da população com a memória em torno dos dois nomes. Aqui apresento quem são os entrevistados e suas narrativas acerca do nome do bairro. Temos como objetivo compreender as representações que foram construídas pelos habitantes da região em relação ao nome do bairro e entendermos o conflito dessa memória pela ótica da população.

Capítulo I

Comendador Soares e sua fazenda Morro Agudo

Nossa pesquisa permitiu a construção de um perfil do Comendador Soares através da coletânea de dados de sua inserção na vida econômica e política da região. Algumas das informações obtidas sobre ele encontramos em um necrológico² datado de 1874, lançado um ano após sua morte. Segundo este documento Francisco José Soares nasceu em Portugal em 1798, veio com 17 anos para o Brasil, chegando em 1815, sob a responsabilidade de seu tio o padre Bento José Soares. Instalou-se na freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Iguassú, atual Nova Iguaçu. Trabalhou administrando fazendas de proprietários de terra da região, e também se associou a Jacinto Manoel de Souza e Mello em um pequeno comércio.

Podemos considerar Francisco José Soares como um dos grandes empreendedores da região. A partir da análise do Almanaque Laemmert³ dos anos de 1848 à 1857, de 1859 à 1862 e 1866 à 1868, obtemos maiores informações de sua inserção no mundo comercial. Entre seus investimentos comerciais se encontravam padarias, portos a receberem fretes e arrematantes de barreiras. A grande maioria destes empreendimentos foi encontrada com a denominação de Soares e Mello o que demonstra a associação com Jacinto Manoel de Souza e Mello informada no necrológico. Segue abaixo um quadro com os dados encontrados nas fontes da participação de Francisco José Soares em empreendimentos na região.

Quadro 1 – Empreendimentos de Francisco José Soares

Ano	Empreendimento em Villa Iguassú
1848 - 1850	- FJS* Negociante. - Soares e Vianna Portos a receberem cargas a frete e à comissão. - FJS Padarias
1851- 1853	- FJS Negociante. - Soares e Mello Portos a receberem cargas a frete e à comissão.
1854 - 1856	- Soares e Mello Negociante. - Soares e Mello Portos a receberem cargas a frete e à comissão.

² Necrológico é um escrito póstumo de pessoas importante, geralmente elogioso.

³ Almanaque com informações administrativas, mercantis e industriais do Rio de Janeiro no século XIX.

	<ul style="list-style-type: none"> - Soares e Mello Padarias - Soares e Mello Arrematantes das Barreiras (Venda dos bilhetes dos ônibus) - FJS Fazendeiro de café e mandioca
1857	<ul style="list-style-type: none"> - Soares e Mello Negociante - Soares e Mello Portos a receberem cargas - Soares e Mello Padarias - Soares e Mello Arrematantes das Barreiras (Venda dos bilhetes dos ônibus) - FJS Lavradores - FJS Fazendeiro de café e mandioca
1859- 1862	<ul style="list-style-type: none"> - Soares e Mello Padarias - Soares e Mello Negociante - Soares e Mello Portos a receberem cargas - FJS Proprietários - FJS Fazendeiro de café e mandioca
1866	<ul style="list-style-type: none"> - Soares e Mello Negociantes - FJS fazendeiro de café e mandioca
1867	<ul style="list-style-type: none"> - Soares e Mello padarias - Soares e Mello Negociantes - Soares Mello Portos a receberem cargas - FJS Proprietário - FJS fazendeiro de café e mandioca
1868	<ul style="list-style-type: none"> - Soares e Mello Negociantes - Soares e Mellos Proprietários - FJS fazendeiro de café e mandioca

*Francisco José Soares

Fonte: Almanak anos 1848 (p.51, 53), 1849 (p.38), 1850 (p. 97), 1851 (p.81-83), 1852 (p.157, 158), 1853 (p.68, 69), 1854 (p.114, 116), 1855 (p.201, 203), 1856 (p.146-149), 1857 (p. 148-150), 1859 (p.113, 114), 1860 (p.94), 1861 (p. 152-155), 1862 (p. 316, 318), 1866 (p.220), 1867 (p.137), 1868 (p. 186, 187)

Além de comerciante e proprietário de terras possuía grande influência na política da região, principalmente após a transformação do povoado de Iguassú a categoria de Vila. Segundo Barros (2000), o decreto de 15 de janeiro de 1833 eleva a povoação de Iguassú em Vila como sede do município que compreendia as Freguesias de Iguassú, Inhomirim, Pillar, Santo Antônio de Jacutinga, e São João de Merity, e parte da Freguesia de Marapicu. Entretanto, o mesmo foi extinto em 1835. Segundo a indicação do necrológico citada acima, Francisco José Soares lutou pela autonomia do município e “foi nesse momento baluarte da defesa de sua dignidade e autonomia” (S/A,1874, p.6)

Essa indicação do Comendador como pessoa fundamental na restauração do município de Iguassú, apareceu até bem pouco tempo atrás na coluna Nossa Memória do jornal Correio da Lavoura de dezembro de 1995:

Nosso Município, criado ao tempo do Período Regencial – extinto logo depois – contou, para sua Restauração com o prestígio de F. J. S, nosso mais importante representante da aristocracia agrária – comercial escravista. Recolhendo assinaturas e mostrando a potencialidade dos nossos “distritos” (Freguesias), manteve encontro com várias autoridades até que Iguassú voltasse a ter autonomia. (Correio da Lavoura. 2/12 à 8/12 de 1995. p.2)

Em 10 de dezembro de 1836 a Assembléia Legislativa Provincial restauraria o município de Iguassú, sendo retirado de sua administração a Freguesia de Inhomirim.

Sendo assim, com a elevação da povoação de Iguassu à categoria de Villa, esta se tornaria o centro administrativo do município. Desta forma, a consolidação desta administração se deu através da instalação da Câmara em 29 de julho de 1833. As atividades da câmara foram suspensas no período de extinção da Villa, mas após sua restauração retomou seus trabalhos. As câmaras das cidades e das vilas no período imperial estavam sujeitas as orientações da Lei de 1º de outubro de 1828, esta estabelecia a forma das eleições dos membros das Câmaras e suas funções.

Conforme o art. 2º da Lei de 1º de outubro de 1828:

Art. 2º A eleição dos membros será feita de quatro em quatro annos, no dia 7 de Setembro, em todas as parochias dos respectivos termos das cidades, ou villas, nos lugares, que as Camaras designarem, e que, quinze dias antes, annunciarão por editaes affixados nas portas principaes das ditas parochias (BRASIL, 1828)

Ainda de acordo com esta lei as Câmaras das cidades deveriam ser compostas de nove membros e as vilas de sete membros mais um secretário (o caso de Iguassu); e suas funções seriam intervir em toda administração do município, podendo deliberar através de ações diretas, fiscais ou representativas do governo imperial. Assim, segundo o art. 27 da Lei de 1º de outubro de 1828:

Art. 27. Achando-se reunidos nas cidades, ou villas cinco Vereadores, poderão deliberar: a maioria de votos decide, e no caso de empate, terá o Presidente voto de qualidade para o desempate. (BRASIL, 1828)

Desta maneira e de acordo com Barros:

A administração municipal estaria a cargo da Câmara de Vereadores (intendentes), com funções legislativas. O Presidente da Câmara (Intendente Geral) cumpria o papel de Executivo. (Barros, 2000, p. 8)

Após ter papel fundamental na restauração da Vila e instalação da Câmara de vereadores, Francisco José Soares, segundo seu necrológio (1874) foi eleito intendente geral, o principal cargo político-administrativo da região, exercendo as funções executivas da Câmara durante oito anos, de 1837 à 1844 após dois mandatos seguidos. Além destes mandatos, entre 1851 à 1856, voltou a exercer as funções executivas na Câmara, retornando a presidência da Câmara nos anos de 1869 à 1872. Além disso, observamos que durante os anos de 1857 à 1862, apesar se não se ter sido reeleito, seu filho Francisco José Soares Filho, segundo Barros (2000), exerceu funções legislativas na Câmara Municipal.

Notamos que desde a consolidação da Câmara de Vereadores até sua morte, que ocorreu em 20 de julho de 1873, Francisco José Soares se afastou poucos anos do exercício de funções na Câmara. Sendo essa o principal órgão de governo da região, observamos que, Francisco José Soares possuía uma grande influência política na região.

Além de atuar nas funções executivas e legislativas, nas fontes analisadas ele aparece ainda como Presidente da Comissão encarregada da edificação da nova matriz na Freguesia de Santo Antônio de Jacutinga⁴ no ano de 1867; e Conselheiro da Sociedade Popular Iguaçuana⁵ no ano de 1868 demonstrando assim o seu prestígio.

Barros (2000) lembra também que em 1869, Francisco José Soares “recebe de Dom Luis I, Rei de Portugal, o Título de Comendador da Real Ordem Militar de N. Senhora da Conceição da Vila Viçosa” (Barros, 2000, p.64), e com esse título se tornou o Comendador Soares. Nas fontes analisadas não encontramos a comprovação desta informação, porém o necrológio nos informa que em seu último mandato viajou para Portugal, por motivo de doença, onde provavelmente recebeu o título de Comendador.

Além de prestígio político, Francisco José Soares era “um legítimo representante da antiga classe dominante e latifundiária da velha Iguaçu” (Simões, 2012, p.137). Porém, remontar um histórico de sua fazenda tornou-se uma tarefa complicada devido a carência de fontes, e de poucas referências a esta fazenda na bibliografia analisada da região. Contudo, ao analisarmos o registro paroquial de terras do século XIX, encontramos o registro dos limites de sua propriedade, onde se encontrava a Fazenda Morro Agudo. Segue abaixo os termos do registro:

Aos dez dias do mês de Abril de mil oitocentos e cinquenta e seis nesta Freguesia de Santo Antônio de Jacutinga em casa de minha residência compareceu Francisco José Soares com mais dois exemplares para fazer registrar como possuidor de terras cujo exemplar é do teor seguinte:

Registro de terras: O abaixo assignado é Senhor e possuidor por compra, que José aos herdeiros de Dona Marianna Joaquina de Oliveira de mil e setecentas Braças de terras de testada com huma legoa de fundos, fazendo testada no alto da Serra de Madureira, dividindo por a dita linha, com as terras de Manoel Pereira de Mello pelo lado esquerdo com as terras da fazenda do Morgado de Marapicu, e pelo lado direito com as terras do Doutor Thibau com as terras da fazenda da Posse pertencente ao Comendador Bento Luis Coutinho de Braga, essa linha dos fundos divide com as terras da Fazenda de São José pertencente ao mesmo Comendador destas na Freguesia de Santo Antônio de Jacutinga e em cujas terras [...] colocadas as antigas fazendas de Madureira e Santo [...], **nas situações de café do Morro Agudo**

⁴ Almanak Laemmert, 1867. p.186

⁵ Almanak Laemmert, 1868, p.193

e Tinguá terras pertencentes ao abaixo assignado e seus filhos. Fazenda de Madureira 10 de Abril de 1856. Francisco José Soares, errada mais de continha em dito exemplar, que vai fielmente copiado, e por assim unicamente assignado.

Vigário Manoel dos Santos Silva.

Encarregado do Registro. (Registros Paroquiais, 1856, p.36)

Apesar de poucas informações podemos observar que a Fazenda Morro Agudo, em meados do século XIX, foi produtora de café. Atentemos que o registro de terras do ano de 1856 fazia referência a dita fazenda como propriedade cafeicultora, e ao observamos o quadro 1 notamos que a partir de 1854 Francisco José Soares era apontado como fazendeiro de café e mandioca pelo Almanaque Laemmert.

Sousa Silva (2007) nos informa que as fazendas da região da Baixada Fluminense em meados e finais do século XIX estavam em decadência devido a vários fatores: exaustão do solo, epidemias, concorrência de outras regiões, a proibição do tráfico negreiro e mais tarde o fim da escravidão. Muito provavelmente a fazenda Morro Agudo, assim como diversas fazendas da região, também sofreu com esses fatores, porém não há dados precisos que confirme esta hipótese.

Ao analisarmos as fontes observamos algumas informações sobre a fazenda Morro Agudo no século XX, depois da morte do Comendador Soares, quando essa fazenda foi doada por seu neto Francisco Luiz Soares de Souza Mello, após seu falecimento em 24 de agosto de 1916, para a Santa Casa de Misericórdia, porém permitindo o usufruto de seus parentes. Conforme nos informa o Diário Oficial do Rio de Janeiro em dezembro de 1916, em que subscreve os termos do inventário do neto de Comendador Soares observamos os termos desta doação, abaixo segue alguns trechos do edital:

Eu Francisco Luiz Soares de Souza e Mello [...] sou neto materno do Commendador Francisco José Soares e de sua mullher D. Carlota Joaquina Soares[...] Sou solteiro e nunca tive filhos. Meus ascendentes são falecidos; posso portanto dispor livremente de todos os meus bens [...] Deixo em usufructo a fazenda Morro Agudo a minha tia D. Cypriana Maria Soares de Mello e a seus filhos que me sobreviverem, em commum; sendo a propriedade da Santa Casa de Misericórdia da cidade do Rio de Janeiro, que entrará na posse, depois de fallecidos todos os usufrutuários [...] (Rio de Janeiro, 1916, p.14123)

Outras informações que encontramos sobre a fazenda se referem ao período do cultivo da laranja nas primeiras décadas do século XX. Segundo Simões (2012), os usufrutuários arrendaram ou venderam partes da fazenda para o plantio da laranja,

apesar de ser ilegal, pois a fazenda era apenas para usufruto⁶. A Santa Casa de Misericórdia, sendo proprietária das terras, um tempo depois também passou a arrendar e vender partes da fazenda para a citricultura.

Conforme Pereira (1977) nos informa, em 1927 o número de citricultores cadastrados pelo Serviço de Inspeção e Fomento Agrícola chegou a 885 em Nova Iguaçu, sendo as regiões de Morro Agudo concentrando o maior número de citricultores e de caixas de laranja produzida comparada às regiões como Nilópolis, Mesquita, Austin, Cabuçu, Queimados e Belford Roxo.

As primeiras décadas do século XX foi o auge da citricultura em Nova Iguaçu, porém com o advento da Segunda Guerra Mundial a produção de laranja entrou em declínio resultando nos loteamentos das antigas fazendas inclusive a fazenda Morro Agudo.

⁶ A doação de um bem com reserva de usufruto tem o objetivo de garantir que este não seja vendido pelo beneficiado da doação, garantindo assim, renda ou moradia ao usufrutuário (quem tem o direito de usufruir do bem). Ou seja, o beneficiado da doação só poderá ter plenos direitos sobre o bem, após a morte de todos os usufrutuários, e estes possui apenas o direito de usufruir o bem, e não de vendê-lo.

Capítulo II

De Morro Agudo a Comendador Soares: A formação de um bairro de Nova Iguaçu.

No capítulo anterior analisamos a trajetória de vida do Comendador Soares e de sua fazenda com o intuito de entender as origens dos nomes do bairro para na sequência do trabalho buscar os significados ligados a esses nomes. Neste capítulo será apresentado o processo de formação do bairro de Morro Agudo (Comendador Soares). Inicialmente faremos um breve histórico de sua estação e das mudanças nominativas, para em seguida fazermos uma reconstrução do processo de ocupação do bairro que se constitui principalmente em torno da estação. A apresentação desses históricos tem como objetivo informar em que contexto estes moradores passaram a viver na região e seu vínculo com o bairro em questão.

2.1-A Estação

A Baixada Fluminense se destacou no século XIX como região de passagem, e uma de suas principais rotas eram seus rios navegáveis que transportavam café. Segundo Souza Silva (2007) os assoreamentos dos rios causados pelo desmatamento diminuíram a rapidez do transporte como também a sua importância para o Rio de Janeiro.

Os comerciantes de café do Vale do Paraíba se mobilizaram para que fosse construída uma estrada de ferro ligando a região a Corte. Conforme Alves (2003), a construção da ferrovia foi sancionada pelo imperador que possuía interesse em consolidar o porto do Rio de Janeiro na rota de exportação do café. Dessa forma, a estrada de ferro D. Pedro II, hoje Central do Brasil, foi inaugurada em 1858 ligando a estação Dom Pedro II à Queimados, e meses depois à Belém (Japeri).

Segundo Peixoto (1960), em 1897 foi inaugurado uma parada de trem nas terras cedidas pelo Comendador Soares, que recebeu o nome de Morro Agudo. Esse nome possui relação com a antiga fazenda da região (Fazenda Morro Agudo). É importante salientar que a fazenda recebeu o nome de Morro Agudo devido a um morro pontiagudo (Figura 1) localizado no território da fazenda utilizado como ponto de referência.

Figura 1 – Morro Agudo



Foto: Antônio Ribeiro Feitosa, 2012

Analisando as fontes relativas à rede ferroviária⁷ podemos observar em alguns mapas a estação denominada Morro Agudo (figura 2). O mapa abaixo mostra algumas estações da Estrada de Ferro D. Pedro II no ano de 1898.

Figura 2 (Linha Japeri)



Fonte: SILVA in IBGE, 1954. p.36

Podemos observar em nossa pesquisa que, algumas vezes, ocorreram mudanças no nome da estação. Segundo o jornal A Época (08/06/1919) a estação de Morro Agudo teve seu nome alterado, passando a denominar-se Humberto Antunes. Ainda de acordo com o jornal A Época (05/11/1915), essa alteração foi contestada por uma comissão que tinha como um de seus representantes o Coronel Alfredo Cesar Soares, parente de Comendador Soares. Após a objeção, o nome de Morro Agudo teria sido restabelecido em virtude de uma das cláusulas do termo de doação do terreno.

Mais tarde a estação recebeu o nome de Comendador Soares como forma de homenagem o antigo dono destas terras. Este tipo de homenagem a figuras que foram importantes para política e economia da região era (e ainda é) comum.

⁷ Edição comemorativa do I Centenário das Ferrovias Brasileira. SILVA, Moacir. M. F. Geografia das Estradas de Ferro Brasileira. In: I Centenário das Ferrovias Brasileira. IBGE/CNG. 1954

Em nossas pesquisas não encontramos a data exata da alteração do nome da parada de trem para Comendador Soares, porém através da análise de nossas fontes obtemos a informação de que esta mudança ocorreu após a década de 1930. Segundo um site especializado em estações ferroviárias, a estação de Morro Agudo, após os anos 1930, teve seu nome alterado para Comendador Soares.⁸ Essa alteração, provavelmente, possui ligação com um tipo de resgate da memória da cidade de Nova Iguaçu, durante a referida década, em razão das comemorações de seu centenário.

Recomendado pelo então interventor Sebastião Arruda Negreiro, em 1933, foi lançado o livro de José Matoso Maia Forte, Memória da Fundação de Iguassú, e ainda ocorreram diversos eventos comemorativos do centenário. Essas comemorações rememoravam a história do município e elegiam os personagens que participaram de sua fundação. Um destes homenageados foi Comendador Soares considerado o fundador do Município como nos informa o jornal Correio da Lavoura:

“ A pedra fundamental do marco comemorativo do nosso centenário foi lançado no dia 12 do corrente [...] homenagem que se prestava ao fundador do município de Iguassú.”(Correio da Lavoura 19/01/1933.p.2)

Essa pedra fundamental (figura 3) a qual o jornal se referiu pode ser encontrada até hoje na Praça da Liberdade no centro de Nova Iguaçu.

Figura 3 – Pedra Fundamental do marco comemorativo do centenário da cidade



Foto da autora, tirada em 2013

Dessa forma, após as comemorações do centenário da cidade de Nova Iguaçu, essas homenagens estenderam-se ao nome da estação, e conseqüentemente do bairro

⁸ www.estacoesferroviarias.com.br acesso em 20/01/2013

como forma de manutenção desta memória. Em nossas pesquisas encontramos o jornal Folha da Manhã dos anos 1950 que se refere à estação ferroviária como Comendador Soares:

“ O NP-2, noturno paulista que era esperado em D. Pedro II às 7h 15, passou, já com atraso, às 7h 30, em grande velocidade, pelas estações de Caramujo e Austin, alcançando, minutos depois, a de Comendador Soares.” (Folha da Manhã, 24/11/1950. In www.estacoesferroviarias.com.br)

Analisando o plano diretor das unidades urbanas integradas do oeste de 1979 (Fundrem, UUIO Oeste), podemos comprovar que a alteração em relação ao nome da estação permaneceu.

“ O uso comercial não é exclusividades do centro do 1º distrito (Nova Iguaçu). Pode-se encontrá-lo, também já consolidado no entorno de outras estações ferroviárias, tais como Austin, **Comendador Soares**” (FUNDREM, 1979. Vol. IV. p.45)

Até os dias atuais se conservou essa homenagem ao Comendador, o que pode ser percebido através da foto abaixo.

Figura 4 – Estação de Comendador Soares



Foto: Antônio Ribeiro Feitosa, 2012

A estação de trem foi fundamental para a formação do bairro, pois a ocupação em torno dela se tornou vantajoso para os citricultores transportarem suas laranjas na década de 40; e mais tarde, após os loteamentos, para os trabalhadores se deslocarem para o seu trabalho. Segundo Simões “as ferrovias tiveram um papel fundamental na ocupação da Baixada Fluminense” (Simões, 2001, p.134).

Dessa forma, a ocupação do espaço estudado se constituiu principalmente em torno desta estação ferroviária, e as mudanças na denominação da mesma se estenderam ao bairro gerando uma *memória dividida*.

2.2 A formação do bairro.

No início do século XX teve início o processo de ocupação urbana na Baixada Fluminense que culminou na formação do bairro de Morro Agudo (Comendador Soares) seguindo os mesmos moldes do município de Nova Iguaçu.

Como dito anteriormente as fazendas de Nova Iguaçu em final do século XIX e início do XX estavam em declínio. Segundo Alves (2003), as terras estavam produzindo pouco e apenas servindo como rota para o escoamento do café, o que gerou a decadência da elite latifundiária da região. O cultivo da laranja vinha se desenvolvendo em Maxambomba (atual Nova Iguaçu) e se tornou a tábua de salvação dos fazendeiros. Para Souza Silva (2007), a citricultura que surgiu em finais do século XIX teve seu auge nas décadas de 1920- 1940, e a venda ou o arrendamento das terras pelos fazendeiros serviram como forma de capitalização para o pagamento de dívidas tornando-se um meio para sair da crise em que se encontravam.

O início da transformação das terras da fazenda em bairro ocorreu no período da citricultura, após a morte do herdeiro do Comendador, Francisco Luiz Soares de Souza e Mello. Como o informado no capítulo 1, as terras da fazenda pertenciam a Santa Casa de Misericórdia, e o usufruto da mesma aos parentes do Comendador. Dessa maneira, conforme nos informa Alves (2003), os herdeiros venderam o usufruto a terceiros, ou até mesmo a Santa Casa, e estes retalharam a terras em chácaras e as arrendaram para o cultivo da laranja colaborando com o crescimento populacional da região.

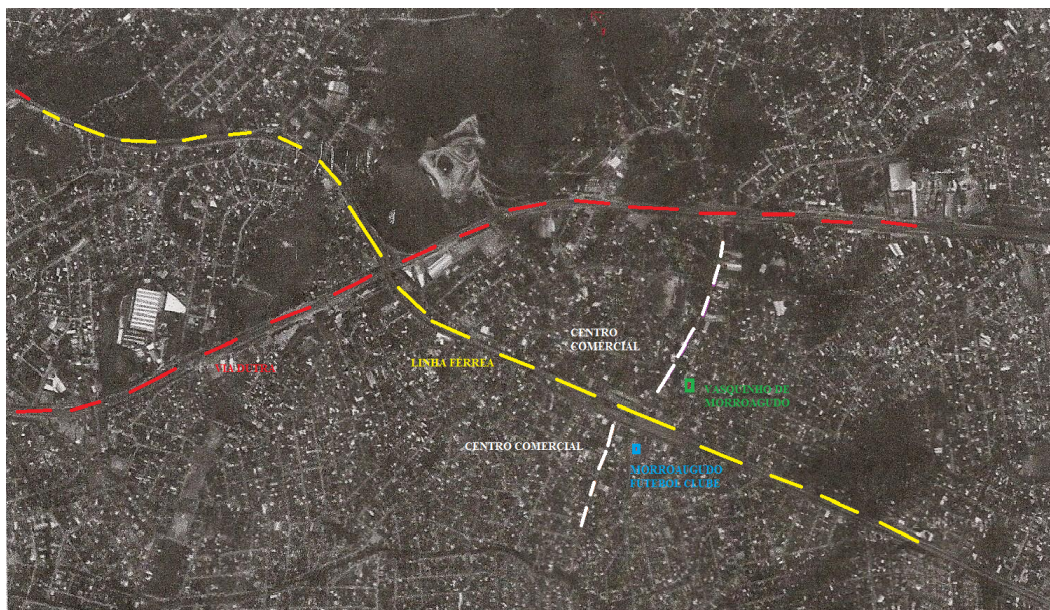
A citricultura foi a gênese da formação do bairro de Morro Agudo, somado a isto o fato da região ser vizinha ao centro de Nova Iguaçu, e ainda possuir uma estação de trem que era mais um atrativo para a ocupação do bairro.

Essa região apresentava o maior número de citricultores e produzia as maiores quantidades de caixas de laranja. Segundo o jornal Correio da Lavoura (23/03/1932), a citricultura demandou uma melhoria nos equipamentos urbanos como: iluminação pública, abertura de ruas, construção e reconstrução de estradas. Estas melhorias modificaram a paisagem da região, principalmente em torno da estação ferroviária, uma vez que esta auxiliava no escoamento da produção.

A produção de laranja atraía exportadores, comerciantes, e ainda trabalhadores assalariados. Conforme informado por Alves (2003), o trabalho relacionado a citricultura não se restringia aos pomares e indústria de beneficiamento, mas também a outras modalidades de serviços como a fabricação de caixas, transporte das caixas de laranja, tratamento e armazenamento das frutas.

A oferta de trabalho colaborou com o crescimento do bairro, e assim seus moradores se estabilizaram na região criando vínculos com a mesma, o que pode ser constatado com a criação do Morro Agudo Futebol Clube, que foi fundado em 24 de Abril de 1933 pelos moradores da região⁹ e também o clube Vasquinho de Morro Agudo fundado em 15 de novembro de 1945¹⁰, sendo esses clubes, assim como o comércio local, localizados em lados opostos da linha ferroviária.

Figura 5 – Mapa com a localização dos centros comerciais



Fonte: google maps

Nas primeiras quatro décadas do século XX, apesar de alguns melhoramentos urbanos, a paisagem de Morro Agudo era composta principalmente de laranjais e algum comércio. Segundo Alves (2003), a Segunda Guerra Mundial teve como consequência a paralisação dos transportes marítimos, que era feito pelas empresas estrangeiras, esse foi um dos principais fatores para a decadência da produção de laranja, ocasionando o retalhamento das chácaras decadentes com a venda de seus lotes, modificando o espaço urbano dessa região da Baixada Fluminense.

Além disso, ainda de acordo com Alves (2003), durante a primeira década do século XX, o prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Pereira Passos, dava início a uma reforma que visava preservar a Zona Sul do Rio de Janeiro e parte da Zona Norte ao uso das classes mais abastada. Através das especulações imobiliárias a reforma obrigou a

⁹ Informação retirada da medalha de comemoração dos 79 anos do Morro Agudo Futebol Clube.

¹⁰ Informação retirada do certificado de fundador de Horácio Teixeira da Silva.

população mais pobre a buscar novos lugares para sua moradia, transformando a Baixada Fluminense em opção de moradia para essas pessoas, pois além da linha ferroviária possibilitar o seu deslocamento ao centro do Rio de Janeiro, os loteamentos eram financiados a preços baixos, as taxas cobradas para aprovação das plantas das obras na prefeitura de Nova Iguaçu eram mínimas, as construções clandestinas eram toleradas para algum tempo depois serem legalizadas.

Conforme nos informa Souza Silva (2007), esses loteamentos tinham como característica a falta de serviços públicos como rede de esgoto, abastecimento de água, entre outros. A ausência destes serviços contribuía para o barateamento dos lotes, impulsionando a população pobre a ocupar a Baixada Fluminense em busca da casa própria.

Os loteamentos na Baixada Fluminense tiveram início desde as primeiras décadas do século XX, mas na cidade de Nova Iguaçu, em virtude da produção de laranja e valorização de suas terras com os pomares, a divisão das terras em lotes foi prorrogada para o final da década de 1940, após a decadência da citricultura.

Dessa forma, os loteamentos em Morro Agudo seguiram essa regra, porém identificamos alguma peculiaridade. O processo de loteamento desta área foi postergado em virtude da mesma pertencer à Santa Casa. Analisando o plano diretor de 1979, no qual a denominação do bairro já se encontrava com Comendador Soares, obtemos a informação que:

“ Um condicionamento jurídico impede que esse processo de ocupação se verifique nas áreas a noroeste do centro. Trata-se de uma grande gleba doada a Santa Casa. Os efeitos da doação desta área – cuja atual situação jurídica é problemática [...] uma vez que, além de representar uma barreira aos processos de loteamento e ocupação, determinou também a existência de duas redes de centros independentes, a leste e a oeste de seus limites.” (FUNDREM, 1979, Vol. IV. p.30)

Apesar desta barreira jurídica, a área foi ocupada gradativamente¹¹. Ainda de acordo com o plano diretor (1979), entre os anos de 1960 a 1969, uma parte dos loteamentos e reloteamentos registrados encontravam-se na faixa Sul de Comendador Soares. Além disso, como foi dito, anteriormente havia muitas ocupações ilegais que com o passar do tempo foram legalizadas. O entrave jurídico além de dificultar a ocupação desta área colaborou com a divisão de dois centros comerciais independentes

¹¹ Faltam pesquisas para explicar esse processo.

no mesmo bairro. Esta divisão pode ser vista até os dias atuais com a separação de dois núcleos comerciais um na parte leste e outro na oeste da estação ferroviária (figura 5).

Com a ocupação desta área, durante a década de 70, a região foi se afirmando com um dos centros de maior importância para Nova Iguaçu. Conforme nos informa o plano diretor (1979), seu comércio estava consolidado em torno da estação onde era possível encontrar estabelecimentos de pequeno porte, principalmente com artigos de vestuário e supermercado. Dessa forma podemos observar que o aumento dos loteamentos e crescimento de seu comércio, centralizou-se próximo a estação, o bairro tornou-se um dos mais importantes da região. Além disso, foi instalada uma administração regional, órgão que funcionavam nos principais centros do município, ou seja, o crescimento do bairro fez com que fosse estabelecido um pólo administrativo em sua região.

A região de Morro Agudo, mesmo apontada como um dos principais centros de Nova Iguaçu em função de sua ocupação, ainda sim possuía pouco suporte de infraestrutura. Segundo o jornal O Dia (1997), a mesma passou mais de 20 anos sem obras e só a partir dos anos 1990 retomaria seu crescimento, quando teve mais de 60% de suas ruas asfaltadas. (O Dia, 04/1997)

Em 1997, através da lei complementar nº006 de 12 de dezembro, houve a revisão do plano diretor do município de Nova Iguaçu, a cidade passou a ser dividida em URG's (Unidades Regional de Governo) e estas, por sua vez, em bairros. Comendador Soares tornou-se, então, a terceira URG (URG III) de Nova Iguaçu. E seus bairros foram definidos em 17 de dezembro de 1998 pela Lei nº2.952 e delimitados no decreto Nº6.083 de 12 de janeiro de 1999, sendo o bairro de Comendador Soares o de maior área. Segue abaixo a tabela com as delimitações:

Quadro 2 – Delimitações da URG de Comendador Soares

URG COMENDADOR SOARES	
Bairros	Área (km ²)
Comendador Soares	2,9477
Ouro Verde	0, 6567
Jardim Alvorada	1, 7152
Danon	1, 6584

Jardim Palmares	2, 3783
Rosa dos Ventos	1, 8431
Jardim Pernambuco	1, 0194
Jardim Nova Era	1, 6727

Fonte: Prefeitura de Nova Iguaçu, 2004, p. 36.

Atualmente Comendador Soares é a terceira URG mais populosa do Município de Nova Iguaçu, e também a terceira com relação ao número de domicílios. O quadro seguinte esboça esses dados:

Quadros 3 – Dados da URG de Comendador Soares

URG COMENDADOR SOARES	
População	112.545 habitantes
Nº de domicílios	34. 917 domicílios

Fonte: IBGE e Prefeitura de Nova Iguaçu, 2010

A explicitação da maneira como o bairro foi ocupado colabora com a compreensão de como os moradores se estabilizaram na região, e através deste histórico podemos entender de que forma construíram o vínculo na localidade, para em seguida entendermos as representações que os moradores construíram em relação aos dois nomes do bairro.

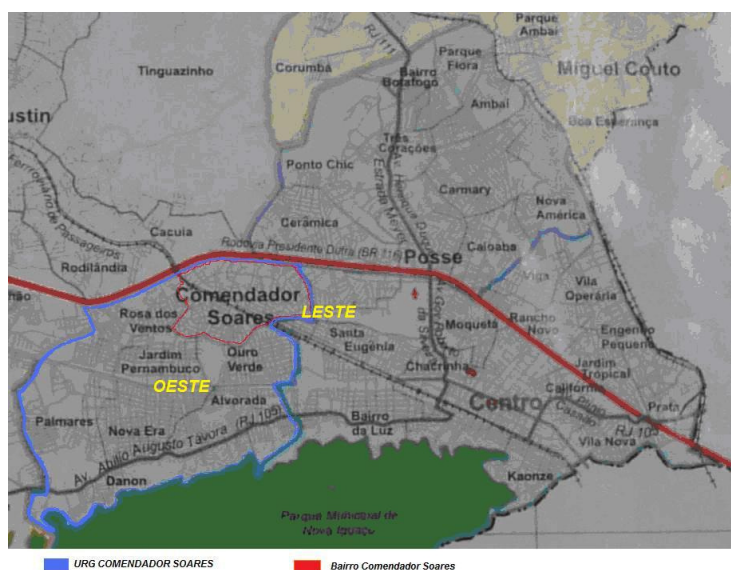
Capítulo III

Morro Agudo ou Comendador Soares? O conflito de memória em torno do nome de um bairro de Nova Iguaçu

Apresentamos no capítulo anterior, o processo de formação do bairro, a fim de compreender como os moradores ocuparam a região. Neste capítulo, inicialmente apresentaremos a disposição espacial do bairro, bem como um breve panorama de seu desenvolvimento econômico. Em seguida será realizado um pequeno perfil dos entrevistados. Por fim, analisaremos as representações que foram construídas em relação à denominação do bairro, através das narrativas de seus moradores, para compreendermos os significados do conflito em torno dessa memória.

A Baixada Fluminense se desenvolveu principalmente em torno da rede ferroviária, que corta toda sua região dividindo suas cidades em dois lados. Assim como na cidade de Nova Iguaçu, a unidade regional de governo (URG) de Comendador Soares teve seu território dividido pela linha férrea. Os bairros de Rosa dos Ventos, Ouro Verde, Jardim Pernambuco, Jardim Palmares, Jardim Nova Era e Danon ficam na faixa territorial a oeste da ferrovia; enquanto que o bairro de Comendador Soares (Morro Agudo) é o único bairro do distrito que é cortado pela linha férrea (figuras 5 e 6) e possui parte de seu território a leste e outra parte a oeste da estação ferroviária.

Figura 6 – Mapa da URG de Comendador Soares



Fonte: Prefeitura da Cidade de Nova Iguaçu, 2004, p.31

A via fia férrea ao passar pela Baixada Fluminense possibilitou o desenvolvimento de centros comerciais dos dois lados de sua linha, facilitando o consumo dos seus moradores. Contudo, seguindo os moldes da cidade de Nova Iguaçu, no bairro de Comendador Soares (Morro Agudo) o lado leste, quem tem como limite a Rodovia Presidente Dutra (Figura 5), possui comércio de maior expressão, e conseqüentemente uma melhor infraestrutura. Neste bairro, a parte leste possui o maior número de supermercados, lojas de roupas, drogarias, entre outros; além de quatro agências bancárias e uma delegacia de polícia. Além disso, abriga a paróquia São Francisco de Assis da diocese de Nova Iguaçu. Na parte oeste do bairro o setor comercial possui menor expressão e tem menos infraestrutura, não havendo bancos nem delegacias.

Por conta de possuir um maior desenvolvimento econômico, o lado leste é conhecido como Comendador Soares; enquanto o lado oeste do bairro devido ao seu setor comerciário inferior passou a ser conhecido como Morro Agudo, mesmo oficialmente ser também Comendador Soares.

Em razão do bairro em questão possuir essa divisão espacial buscamos entrevistar moradores de ambos os lados da estação para entendermos as representações que foram construídas em suas memórias. Como em nossa pesquisa trabalhamos com história oral elaboramos um roteiro (em anexo) utilizado em todas as entrevistas.

Foram realizadas nove entrevistas e nos depoimentos foram mantidas as falas originais, com o objetivo de preservar o trabalho de rememoração dos entrevistados. Para compreendermos um pouco como os entrevistados chegaram ao bairro e criaram vínculos com os mesmo faremos um breve perfil para cada um dos entrevistados.

Anísio da Boa Morte, 83 anos, morador da Travessa Delfina de Moraes parte leste do bairro. Aposentado, nasceu em Salvador, Bahia, chegou ao bairro em 1964 fugindo de perseguições políticas em seu estado. Foi membro do PDT e antigo administrador regional de Comendador Soares.

José Rodrigues de Oliveira (Jota Rodrigues), 79 anos, morador da Rua Santa Luzia parte oeste do bairro. Poeta. Nasceu em Águas Belas, Pernambuco, passou a infância no Recife onde teve contato com a literatura de cordel e tornou-se poeta. Já adulto se mudou para o Rio de Janeiro em busca de novas oportunidades de trabalho.

Chegou ao bairro em 1953, depois se mudou diversas vezes para outros estados até se instalar definitivamente no bairro após adquirir um lote no ano de 1962.

Marcelo Renato Teixeira da Silva, 62 anos, morador da Rua Luiz Silva parte leste do bairro. Taxista, morador do bairro desde o nascimento. Sua família chegou de Portugal e comprou um sítio no bairro para se dedicarem ao cultivo e exportação laranja. Seu pai é um dos sócios fundadores do clube Vasquinho de Morro Agudo.

Vanduir Miranda, 56 anos, morador da Rua Miro parte oeste do bairro. Aposentado e músico, morador do bairro desde o nascimento. Inicialmente seus pais viviam em Nilópolis até terem a oportunidade de comprar um terreno no bairro. Quando jovem era assíduo frequentador de clubes como o Morro Agudo Futebol Clube e Vasquinho de Morro Agudo.

Paulo Alves da Silva, 54 anos, morador da Rua Artur Magalhães parte oeste do bairro. Educador. Vive no bairro desde o nascimento. É componente de diversas comissões que visam cobrar do governo do Estado a melhoria da qualidade da educação pública. Participa e promove discussões sobre literatura.

Décio Trindade de Oliveira, 52 anos, morador da Rua Belmira Aledo parte leste do bairro. Músico e professor de música, morador do bairro desde o nascimento. Possui uma escola de música comunitária onde ministra aulas particulares e aulas grátis para alunos carentes. Seus pais moravam no bairro Boa Esperança na cidade de Belford Roxo e se mudaram para o bairro após a oportunidade da compra de um lote no início da década de 1960.

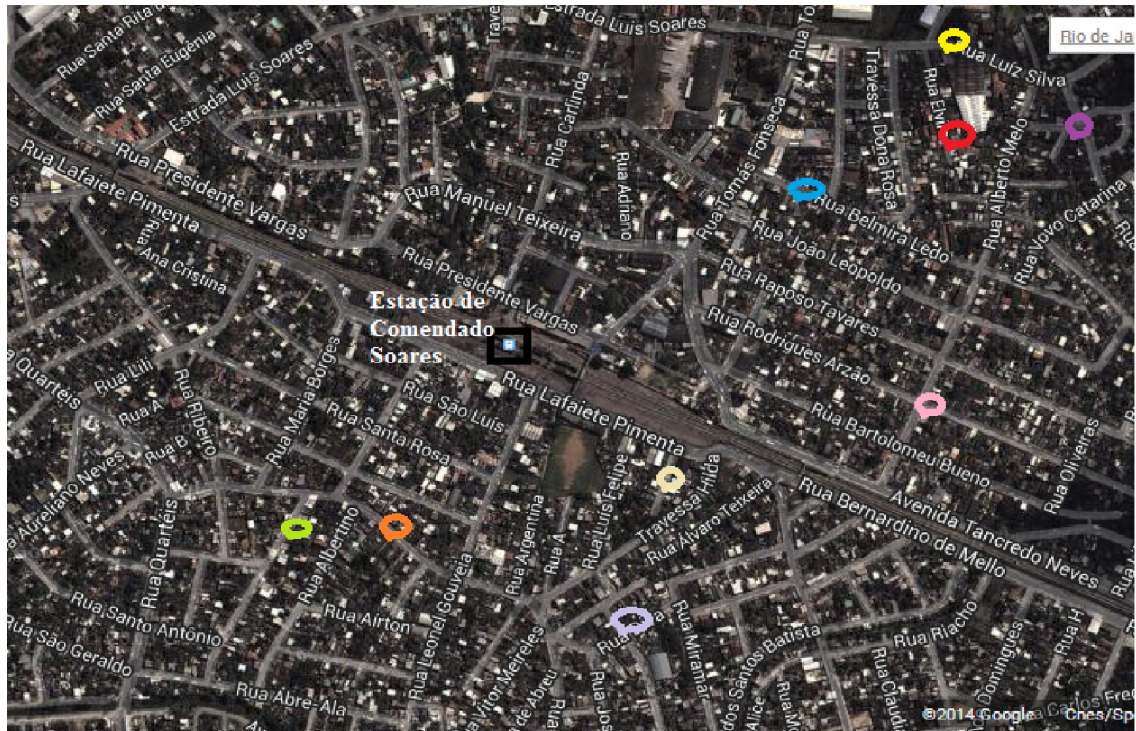
José Marcelo Batista, 43 anos, morador da Travessa Elvira parte leste do bairro. Comerciante, morador do bairro desde o nascimento, lugar no qual possui seu comércio.










Rosângela de Almeida Lima, 35 anos, moradora da Rua Diva, parte oeste do bairro. Secretária, também vive no bairro desde o nascimento. Seus avós compraram um lote e se instalaram no bairro. Guarda em suas lembranças o tempo em que a região era pouco habitada, não sendo ainda um bairro apenas um loteamento sem construções.

Joyce Gonçalves Silva, 26 anos, moradora da Rua Alberto Mello parte oeste do bairro. Professora, moradora do bairro desde o nascimento. Seus avós chegaram ao bairro ainda na época do cultivo de laranja.

O mapa abaixo mostra a localização da moradia de cada morador entrevistado.

Figura 7 – Mapa com endereço dos entrevistados



- | | |
|---|--|
|  Marcelo Teixeira - Morador da Rua Luiz Silva |  Paulo Alves da Silva - Morador da Rua Artur Magalhães |
|  José Marcelo Batista - Morador da Travessa Elvira |  José Rodrigues de Oliveira - Morador da Rua Santa Luzia |
|  Anísio da Boa Morte - Morador da Travessa Delfina de Moraes |  Vanduir Miranda - Morador da Rua Miro |
|  Décio Trindade de Oliveira - Morador da Rua Belmira Ledo |  Rosângela de Almeida Lima - Moradora da Rua Diva |
|  Joyce Gonçalves da Silva - Moradora da Rua Alberto Mello | |

Fonte: Google maps

Conforme informado anteriormente entrevistamos nove moradores do bairro. Como pode ser visto no mapa acima (Figura 7), dos nove entrevistados, cinco são moradores da parte leste do bairro (conhecido como Comendador Soares) e quatro são moradores da parte oeste do bairro (conhecido como Morro Agudo). Buscamos entrevistar moradores de ambos os lados da estação e diferentes faixas etárias para entendermos as representações que foram construídas pelos habitantes da região em relação ao nome do bairro e entendermos o conflito dessa memória pela ótica da população.

O bairro em questão possui dois nomes, principalmente aquele que está no lado oeste da via férrea. Com base nessa afirmação, buscamos compreender o conflito em torno da nomenclatura do lugar através da construção narrativas dos moradores. Dessa forma, faremos uma análise dos depoimentos e da construção de suas memórias

buscando as representações que os moradores possuem em relação ao nome do bairro. A análise dessas representações colabora para a compreensão dos significados do referido conflito em torno do nome do lugar.

Observando as narrativas foi possível perceber que para a maioria dos entrevistados o bairro possui dois nomes. O depoimento de Décio de Oliveira exemplifica essa afirmação:

[...] nós somos um bairro que temos dois nomes, né? Dois nomes e cabem, todos dois tem a história bonita. Que é o Morro Agudo por causa desse morro bonito que tem aqui, né? Lá na...lá pra dentro da Cerâmica que atualmente chama-se Cobrex, né [...]

[...] E o Comendador Soares é por causa do Comendador Soares mesmo, é Comendador Francisco Soares que ganhou essas terras todas aqui em sesmarias, né? Da família real...é sei lá, por serviços prestados não sei o que. [...] (Entrevista realizada em 09 de janeiro de 2014. P.2)

Conforme a citação acima o bairro possui dois nomes e ambos são aceitos para identificá-lo. Durante as entrevistas observamos que, de um modo geral, os moradores tem dificuldade em definir apenas um nome ao bairro. O quadro abaixo nos mostra isso:

Quadro 4 – Referências ao nome do bairro

Nome e idade	Referência ao nome do bairro no seu endereço	Nº de referência ao nome do bairro como Comendador Soares	Nº de referência do nome do bairro como Morro Agudo
Moradores da parte leste			
José Rodrigues de Oliveira, 79 anos.	Comendador Soares	2	7
Vanduir Miranda, 56 anos.	Comendador Soares	9	7
Paulo Alves da Silva, 54 anos.	Comendador Soares	9	7
Rosângela de Almeida Lima, 35 anos.	Comendador Soares	3	0
Moradores da parte oeste			
Anísio da Boa Morte, 83 anos.	Comendador Soares	6	2
Marcelo Renato Teixeira da Silva, 62 anos.	Comendador Soares	5	1
Décio Trindade de Oliveira, 52 anos.	Comendador Soares	5	10
José Marcelo Batista, 43 anos.	Comendador Soares	3	1
Joyce Gonçalves da Silva, 26 anos.	Comendador Soares	3	4

Notamos que nas lembranças da grande maioria dos entrevistados, mesmo que de forma acidental, coexistem os dois nomes do bairro. Ao observarmos a planilha percebemos que todos os entrevistados ao informarem seus endereços referem-se à Comendador Soares, contudo, durante o depoimento por diversas vezes se remetem ao nome do bairro como Morro Agudo. Apenas a entrevistada Rosângela não se refere a Morro Agudo em momento nenhum.

A escolha de Comendador Soares como nome oficial do bairro se faz presente na maioria das narrativas. Essa opção possui relação com as representações que os moradores fazem de ambos os nomes do bairro.

Em relação ao nome de Comendador Soares há algumas representações em comum nas lembranças dos moradores de ambos os lados da estação. Quando os depoentes se referem ao Comendador incorpora em suas narrativas a imagem do grande fazendeiro e antigo dono das terras que hoje compreende a região. Vários relatos apontam para essas características de Comendador Soares. Para Décio de Oliveira:

[...]Comendador Soares é por causa do Comendador Soares mesmo, é Comendador Francisco Soares que ganhou essas terras todas aqui em sesmarias, né? [...] (Entrevista realizada em 09 de janeiro de 2014. P.3)

Marcelo Teixeira relata história semelhante:

[...] Bom, os nomes de Comendador Soares é porque o nome é...era do antigo...antigo fazendeiro da...da região, que antes do loteamento...que foi ele que loteou...é...é...em glebas de...de laranjais, né [...] (Entrevista realizada em 26 de dezembro de 2013. p.2)

O relato de Paulo Alves se junta aos anteriores:

[...]O Comendador que o pessoal dizia que era donos das terras, dos laranjais aqui e que em função disso ele foi vendendo terras e ficou Comendador Soares.[...] (Entrevista realizada em 08 de janeiro de 2014. P.3)

Através dos relatos acima identificamos que na memória dos moradores, Comendador Soares era o antigo proprietário das terras da região e produtor de laranjas, entretanto, a época do cultivo da laranja é posterior à morte de Comendador Soares. Observamos nessas narrativas que as representações acerca da vida do Comendador Soares nas lembranças dos moradores ocorrem de forma híbrida, em que se misturam elementos da memória oficial, que reproduziu o nome de Comendador Soares como grande proprietário e antigo dono de terras, associados aos elementos da memória familiar e afetiva que compreende o período da laranja como anterior a urbanização da região. No depoimento de Joyce G. Silva podemos identificar uma memória familiar

que identifica a região como produtora de laranjas no período anterior à instalação das famílias no local:

[...] Ela(avó) chegou com meu avô. A minha avó era capixaba e meu avô era baiano. Então, não tinha muita coisa no bairro, ela conta que aqui era um monte de laranjal. Aí a minha mãe é...,ela morou aqui também desde o nascimento, se casou com meu pai que é paraense e veio morar o Rio depois de adulto [...] (Entrevista realizada em 08 de janeiro de 2014. p. 1)

O relato de Rosângela aponta para uma reprodução de uma memória social que reproduz o período do cultivo da laranja como anterior a ocupação urbana da região:

[...] as pessoas antiga diziam que isso aqui era um laranjal e foi acabando esse laranjal as pessoas foram tomando conta dos loteamentos, foram comprando os terrenos, né? E assim...é assim a história que eu sei.[...] (Entrevista realizada em 06 de janeiro de 2014. p. 2)

Dessa forma, podemos perceber que embora as memórias sejam múltiplas, elas se mesclam dando certa coesão às narrativas auxiliando o fortalecimento da nomenclatura do lugar como Comendador Soares.

As lembranças que dão coesão à memória de Comendador Soares se apresenta de diversas formas. Nas narrativas dos entrevistados na faixa etária de 20 a 30 anos, os depoentes não fazem referência à pessoa do Comendador Soares, mas o utilizam como referência espacial, principalmente quando são convidados a fornecer seus endereços ou quando tem de informar o trajeto ao trabalho. Ao indicar como se desloca ao seu local de trabalho Rosângela Lima diz: “Eu vou de trem. Pego o trem aqui em Comendador, solto na central, na central pego o metrô.”

Mais uma vez as narrativas dos moradores apontam para o suporte material da memória oficial que, no caso, é a estação de trem de Comendador Soares, bem como a elementos da memória social uma vez que segundo Rosângela Lima o bairro se chama “Comendador Soares. Todo mundo conhece como esse nome.”

Dessa forma, ainda que as formas de rememoração sejam distintas a memória em relação ao nome de Comendador Soares se encontra consolidada. Apesar disso, como dito anteriormente, ao ser remeterem ao nome do bairro, por diversas vezes os moradores fazem referência a Morro Agudo.

De uma maneira geral, ao se referirem ao nome de Morro Agudo, indicam como referência um morro pontiagudo localizado próximo à região, o mesmo a qual nos referimos no capítulo 2 (figura 1). Dessa forma, percebemos que as representações relacionadas ao nome Morro Agudo possuem como elemento de identificação um elemento geológico que caracteriza a região.

Se de um lado a estação é referência para nomenclatura de Comendador Soares com respaldo na história oficial; por outro Morro Agudo também tem seu suporte material no morro (geografia), com respaldo também na história do nome da fazenda, mas isto por si só não representaria um embate no campo da memória, pois ambas remetem-se a um conjunto de eventos ligados a história da elite local: Comendador e sua fazenda Morro Agudo. A questão é mais complexa

Nos relatos sobre o Morro Agudo foi possível perceber que os moradores sabem que este não faz parte do território do bairro. O depoimento de Marcelo Teixeira nos informa que:

[...] existe esse outro nome de Morro Agudo que eu acredito que seja que, que pelo menos...que eu acho que ouvi falar, é um morro que tem um...uma certa distância daqui, né? Uma...não é muito pertinho, não, mas é um morro que ele tem uma...uma certa angulação e chamavam de morro agudo.[...]
(Entrevista realizada em 26 de dezembro de 2013.p.2)

Apesar de os moradores informarem que o Morro Agudo não se localiza no bairro continuam a partilhar a memória de que o nome do bairro possui como referência o dito morro. Embora o morro, fisicamente, não faça parte do bairro, entendemos que essas lembranças estão vinculadas a uma memória social compartilhada entre os moradores do bairro o que colabora com a manutenção de sua memória.

Na narrativa de Décio de Oliveira notamos o compartilhamento desta memória:

[...] Morro Agudo porque é um morro danado de bonito, né? E principalmente até pelo..aonde eu sei, a Daiane pode me dizer se eu estou certo ou não, não tem traficante lá nesse morro. É o único morro que não tem traficante, que não tem moradia, não tem nada. É só um morro bonito lá, verdinho, tá? Todo mundo pode olhar, na vista aí pra todo mundo ver. [...]
(Entrevista realizada em 09 de janeiro de 2014.p.3)

Na análise do relato acima notamos que nas representações do entrevistado a referência ao morro agudo se explica por causa do elemento geológico. Além disso, foi possível perceber certo receio de associarem o morro a uma favela. O entrevistado faz questão de frisar que é um morro que “não tem traficantes” (Entrevista realizada em 09 de janeiro 2014 p.3). Notamos neste relato que ao informar que o morro é desabitado e não violento, o entrevistado procura evitar o preconceito e a marginalização tanto do local como de seus habitantes.

Outro depoimento reitera que Morro Agudo não é uma favela:

[...] O Morro Agudo por conta do morro existente lá na Cerâmica, né? Morro Agudo. Na verdade Comendador Soares...as pessoas dizem que lado de cá é Morro Agudo, mas na verdade o lado de lá da Dutra que deveria ser Morro Agudo. Aí, quer dizer...ficou uma coisa assim dividida do que eles chamam de poder aquisitivo, né? Quem tem mais finanças mora do lado de lá, no

centro. Quem tem menos finanças mora do lado de cá que eles condenaram como Morro Agudo porque...por lembrar morros, né, favelas. Mas, na verdade, não tem nada a ver com favelas. Tem a ver exatamente com a é...geografia de morro né, existente. [...] (Entrevista realizada em 08 de janeiro de 2014. p.3)

Além de reforçar que o morro agudo não tem “nada a ver com favelas”, o depoimento informa que o território do bairro localizado a oeste da estação é que ficou conhecido como Morro Agudo por possuir uma condição socioeconômica inferior em relação à parte leste, que é conhecida como Comendador Soares. Sendo assim, segundo Paulo, o território que fica a oeste da estação passou a ser associado a uma favela por obter piores condições de vida e moradia. Percebemos neste relato que nas representações sobre o nome Morro Agudo, além de remeter ao elemento geológico, o termo morro pode estar relacionado a ideia de favelização do local e uma possível condição social inferior de seus moradores.

Esse tipo de representação pode estar vinculado ao imaginário social a qual vincula favelas aos morros. Nos relatos de Décio de Oliveira e Paulo Alves observamos que a necessidade de explicação que o local não é uma favela tem como objetivo desvincular essa imagem de favelização ao local onde moram.

Figura 8– Mapa do bairro



Fonte: Google maps

Notamos que com uma designação a qual Morro Agudo aparece relacionado a piores condições socioeconômicas, ocorre uma valorização da nomenclatura Comendador Soares, que passa a significar condições melhores de moradia e qualidade de vida. Esse fator pode ter contribuído para todos os entrevistados escolherem Comendador Soares como nome oficial de seu bairro no momento em que fornecem seus endereços.

Entretanto, o nome Morro Agudo permanece na memória de seus moradores, uma vez que é citado diversas vezes nas narrativas de pessoas de diferentes faixas etária. Observamos que a nomenclatura Morro Agudo representa para seus habitantes uma memória comunitária partilhada entre os moradores locais. O depoimento de Joyce se refere a essa questão:

[...] Quando eu preciso dar o endereço, oficialmente eu coloco como Comendador Soares. Mas, para explicar as pessoas que são da região eu falo Morro Agudo porque todo mundo conhece como Morro Agudo.[...] (Entrevista realizada em 08 de janeiro de 2014.p.2)

Ou seja, a indicação da região como Morro agudo só é compartilhada entre os seus pares. Assim, o nome Comendador Soares se consolida cada vez mais como o nome oficial da região, mas internamente Morro Agudo se mantém como referencia do nome do bairro.

A consolidação da nomenclatura Comendador Soares foi percebida até mesmo entre os moradores mais antigos. No relato de José Rodrigues notamos essa consolidação. Quando perguntado sobre qual a sua posição em relação ao nome do bairro Jota Rodrigues diz o seguinte:

[...] Oh! Pra mim é sempre Comenda...[hesitação], é sempre foi Morro Agudo. Agora aí... ,que foi o último nome que botaram Morro Agudo porque era tradição daquele morro que tinha ali, Morro Agudo. A origem desse nome é devido ao morro. Este pra mim é o mais certo, mas botaram tanto nome aqui, até nome de homem que já morreu que não sei o que, que fez alguma coisa pelo bairro, mais por ele do que pelo bairro, claro. O homem faz mais por ele, né? Então, na verdade, sobre a questão do nome do bairro eu vejo que o mais acessível é Morro Agudo. E isso originado pelo aquele morro, um morro muito agudo, né? Chama-se Morro Agudo. [...] (Entrevista realizada em 10 de janeiro de 2014. p.3-4.)

Observamos através desta narrativa, que na opinião do Sr. José Rodrigues o bairro se chama Morro Agudo. Apesar disso, podemos notar que inicialmente ele iria responder Comendador Soares, porém hesitou e depois completou sua resposta e informou Morro Agudo. Percebemos que embora o Sr. José Rodrigues identifique o nome do bairro como Morro Agudo, se confunde ao nomeá-lo. Entendemos que essa

confusão possui relação com a ideia de Comendador Soares como nome oficial do bairro.

As narrativas apontam para o fortalecimento da nomenclatura Comendador Soares como nome oficial do bairro, contudo, a memória em relação ao nome do bairro segue em conflito, não só porque inicialmente todo o bairro tinha o nome de Morro Agudo, mas porque Morro Agudo agora passou a ser a designação do “lado pobre” do bairro, embora distante do dito morro.

A parte leste, mais moderna, porque concentra bancos e comércio, porém mais próxima do Morro, só separada do Morro pela Dutra é reconhecida internamente (principalmente pelos seus moradores) como Comendador Soares, enquanto a parte oeste é reconhecida como Morro Agudo porque é mais pobre, ainda que mais distante do morro.

A representação que a ideia de morro traz aos moradores faz com que afetividade (topofilia) com a referência espacial seja substituída por outra significação, que não existia no repertório da população, pois o morro não estava associado à favela. Com a nova significação Morro Agudo passa a ser utilizado como designação pejorativa. É este o conflito.

Conclusão

As narrativas dos moradores evidenciaram que as representações acerca do nome do bairro possuem uma pluralidade de memórias fragmentas. Cada um dos entrevistados elaborou suas representações de acordo com sua experiência e identificação com o bairro. Contudo, observamos elementos comuns que dão coesão às narrativas, como por exemplo, a referência a Comendador Soares como o nome oficial do bairro, tanto entre os entrevistados mais jovens quanto os mais velhos e de ambos os lados da estação.

Apesar de os moradores apresentarem memórias múltiplas e fragmentadas, percebemos que o discurso de memória das elites, aquela que homenageou Comendador Soares com o nome da estação, está enraizado nas narrativas da população.

Dessa forma, observamos que nas narrativas dos moradores, a afirmação de Comendador Soares como nome oficial do bairro está vinculada a uma memória histórica oficial que homenageia Francisco José Soares e o apresenta como antigo proprietário das terras do bairro, mesclado a uma memória familiar e afetiva que, equivocadamente, associa o Comendador como o proprietário das terras da região no período do cultivo da laranja. Mesmo que essas representações possuam algumas informações equivocadas, sua reprodução fortalece a memória em relação ao nome de Comendador Soares. Assim, podemos perceber que o enraizamento da memória oficial dar-se-á porque ocorre sua reprodução no ambiente social.

Entretanto, a referência ao nome do bairro como Morro Agudo mantém-se como uma memória comunitária vinculada a uma particularidade geológica da região e partilhada entre seus pares. Por isso, a grande maioria das narrativas faz referência ao morro agudo como uma característica regional que originou o nome do bairro colaborando com a manutenção de sua memória. Contudo, oficialmente os moradores se referem ao bairro como Comendador Soares reproduzindo a memória oficial. Essa escolha não é por acaso. Como nos informa Alessandro Portelli (2006), devemos atentar ao fato que as memórias são ideológica e culturalmente mediadas por intencionalidades.

Um fator que auxilia a consolidação do nome de Comendador Soares como nome oficial do bairro é o receio, observado em algumas narrativas, da associação do nome Morro Agudo a favelas. A vinculação do nome de Morro Agudo a parte mais pobre do bairro devido a sua condição socioeconômica inferior nos mostra que no

imaginário social o termo morro começa a ser relacionado à pobreza e marginalização, o que antes não era, já que todos se viram como moradores de Morro Agudo. Isso pode ter contribuído para que os todos moradores de ambos os lados da estação cite Comendador Soares como seu endereço oficial, negando, assim, qualquer vinculação do local a favelas e a pobreza.

Essa negação a pobreza colabora para que o nome Morro Agudo tenha uma carga negativa e passe a ser utilizada por alguns moradores, de ambos os lados da estação, para apontar o lado oposto a qual residem como um local com piores condições de moradia. Quem mora do lado leste apresenta o lado oeste como Morro Agudo e vice-versa, porque pobre é o Outro.

Assim, podem dissociar o local onde fixaram residência da pobreza e marginalidade. Se no passado todo o bairro era chamado de Morro agudo, e em torno disto se criou uma afetividade ao nome; hoje, pode ser utilizado para designar a pobreza o que acaba gerando um conflito em torno do nome do bairro. Dessa forma, a substituição da significação do nome Morro Agudo de uma referência geológica a um termo relacionado a piores condições socioeconômicas contribui para a consolidação da nomenclatura de Comendador Soares, pois Morro Agudo representa atraso e, conseqüentemente, Comendador Soares progresso.

Dessa maneira entendemos que a nomenclatura Morro Agudo possui uma significação positiva quando relacionada a uma característica geológica e ao tempo em que se formou o bairro, e uma significação negativa quando ligada a favelização e a pobreza. Esses significados colaboram com a manutenção dessa memória, ao mesmo tempo em que o significado negativo facilita a consolidação da nomenclatura de Comendador Soares como nome oficial e diminui a afetividade que envolve a denominação do Morro.

Apesar do nome do bairro Comendador Soares está consolidado no imaginário local, a referência a Morro Agudo permanece na memória dos moradores, ainda que dividida entre as duas significações. Esse é o conflito. No entanto, foi possível perceber o silêncio em relação a denominação Morro Agudo no depoimento de Rosângela Lima, o que pode representar uma diluição dessa memória.

Colocando Morro Agudo como referência pejorativa talvez o que antes era Morro Agudo possa ser então Comendador Soares!



Bibliografia

ALVES, José Cláudio S. *Dos Barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*. 1. Ed. Duque de Caxias: APPH/ CLIO, 2003.

BECKER, Jean Jaques. O handicap do a posteriori. In: FERREIRA, Marieta de Moares; Amado, Janaína(orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BARROS, Ney Alberto. *Memória da Câmara Municipal de Nova Iguaçu*. Nova Iguaçu: Câmara Municipal de Nova Iguaçu, 2000.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução Gilson César Cardoso. São Paulo: Edusp, 2009

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da História Oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; Amado, Janaína (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moares; Amado, Janaína(orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moares; Amado, Janaína(orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Práticas e estilos na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moares; Amado, Janaína(orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MOTTA, Márcia Maria. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, e VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012

PEREIRA, Waldick. *Cana, Café e Laranja: História econômica de Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro: FGV/SEEC, 1977.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moares; Amado, Janaína(orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PRINS, Gwyn. História Oral. In BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: EDUNESP, 1992.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moares; Amado, Janaína(orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SILVA, Moacir. M. F. Geografia dos Estradas de Ferro Brasileira. In: I Centenário das Ferrovias Brasileira. IBGE/CNG. 1954.

SIMÕES, Manoel Ricardo. *Ambiente e Sociedade na Baixada Fluminense*. Mesquita: Entorno. 2012

SOUZA SILVA, Maria Fátima de. *Das Terras de Mutambó ao município de Mesquita/RJ: Memórias da Emancipação nas Vozes da Cidade*. Mesquita: Entorno, 2007.

THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre a memória e história: Alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moares; Amado, Janaína (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006

VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, Marieta de Moares; Amado, Janaína (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

Fontes:

Almanak Laemmert, edições 1848, 1849, 1850, 1851, 1852, 1853, 1854, 1855, 1856, 1857, 1858, 1859, 1861, 1862, 1866, 1867 e 1868.

Atlas escolar da cidade de Nova Iguaçu. Prefeitura da Cidade de Nova Iguaçu. Nova Iguaçu: PCNI, 2004

BRASIL, Lei de 1º de outubro de 1828. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/LIM/LIM-1-10-1828.htm> . Acesso em: 09 jan. 2013

Diário Oficial 1996.

FUDREM. Unidades Urbanas Integradas do Oeste do Rio de Janeiro: plano diretor. Volume IV. Rio de Janeiro: FUNDREM, 1979

Jornal Correio da Lavoura (02/12/1995 à 08/12/1885, 19/01/1933, 23/03/1932)

Jornal O Dia (04/1997)

Registros paroquiais de terras do Séc.XIX. Livro 35. Disponível em: <http://www.aperj.rj.gov.br/publicacoesdvd.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

SEM AUTOR. Traços Biográficos do Comendador Soares. Rio de Janeiro, Typografia Commercial, 1874.

www.estacoesferroviarias.com.br acesso em 09 de janeiro de 2013.



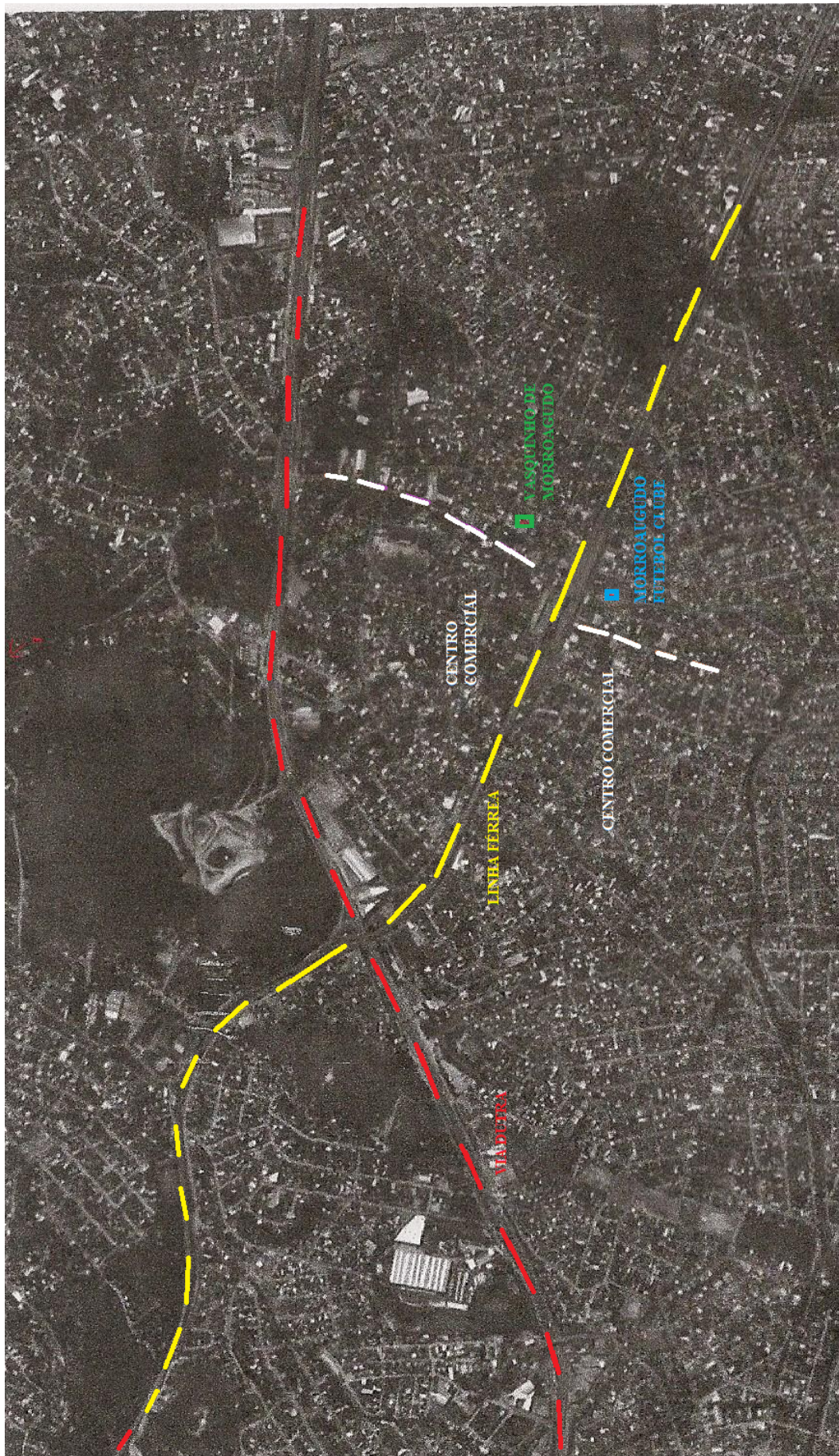
ANEXOS

A) Roteiro para a elaboração das entrevistas

Projeto: Morro Agudo ou Comendador Soares? O conflito de memória em relação ao nome de um bairro de Nova Iguaçu

- 1) Nome
- 2) Idade
- 3) Local e data de nascimento. Caso tenha nascido no bairro, perguntar como e porque sua família chegou ao bairro; e caso não tenha nascido no bairro, perguntar como e quando ocorreu a mudança e porque razões.
- 4) As lembranças de como era o bairro em comparação ao presente? Em caso de mudança, perguntar como era o bairro na época da mudança em comparação ao presente?
- 5) Qual o local de trabalho? Como fazem para chegar ao trabalho? (descrição espacial) Qual era o seu último local de trabalho? Como fazia para chegar até ao trabalho?
- 6) Quais as origens do nome do bairro? Como elas acham que surgiu o nome?
- 7) Qual é a posição delas em relação ao nome do bairro?

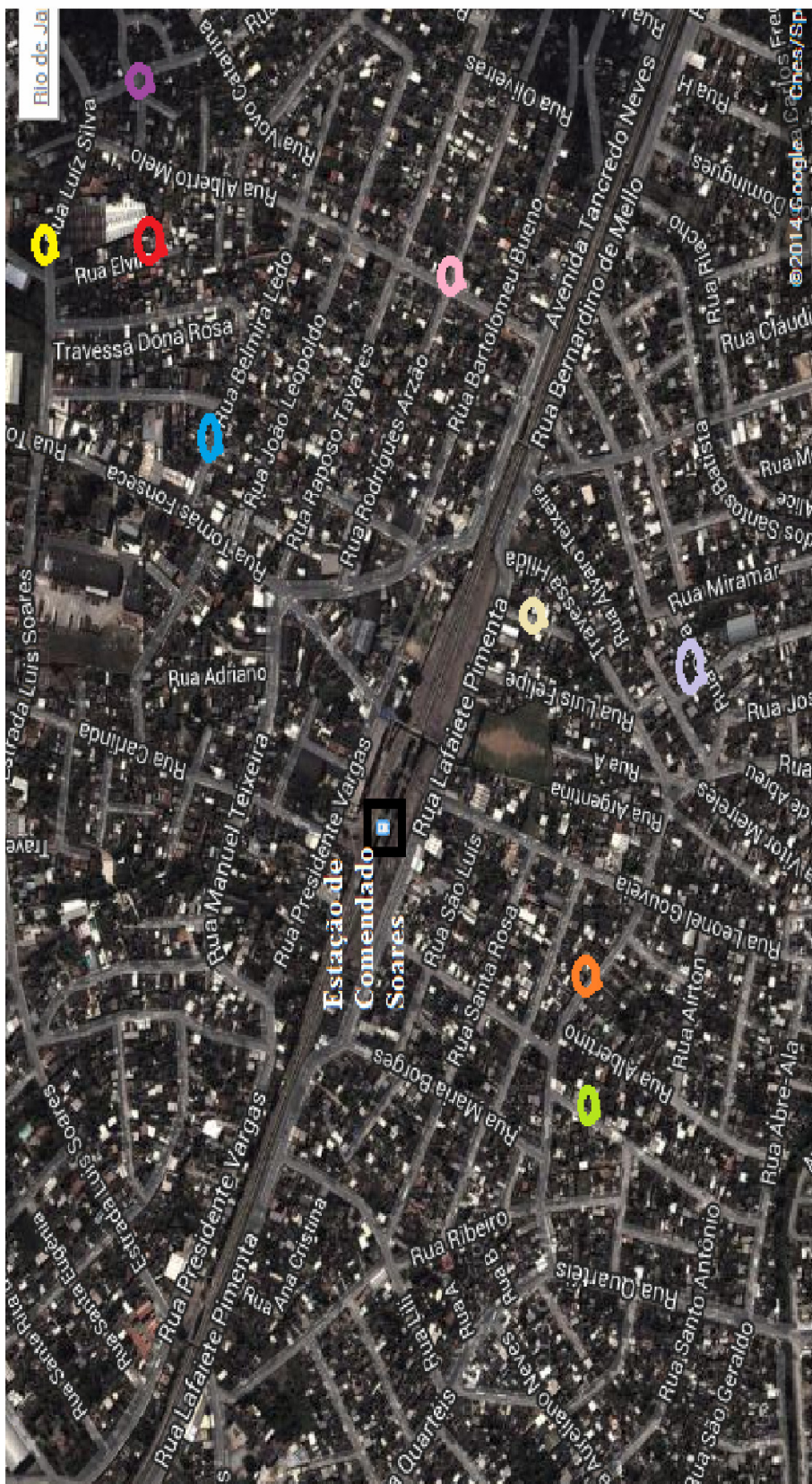
B) Mapa com a localização dos centros comerciais












C) Mapa da URG de Comendador Soares



D) Mapa com endereço dos entrevistados



- | | | | |
|---|--|---|--|
|  | Marcelo Teixeira - Morador da Rua Luiz Silva |  | Paulo Alves da Silva - Morador da Rua Artur Magalhães |
|  | José Marcelo Batista - Morador da Travessa Elvira |  | José Rodrigues de Oliveira - Morador da Rua Santa Luzia |
|  | Anísio da Boa Morte - Morador da Travessa Delfina de Moraes |  | Vanduir Miranda - Morador da Rua Miro |
|  | Décio Trindade de Oliveira - Morador da Rua Belmira Aledo |  | Rosângela de Almeida Lima - Moradora da Rua Diva |
|  | Joyce Gonçalves da Silva - Moradora da Rua Alberto Mello | | |

E) Mapa do bairro

